

PQ 2149

.A1 H5

1827

Copy 1



44625

PQ 2149

.A1 H5

1827

Copy 1

Jour de l'astre

L'histoire



HISTORIA
DE
DONA IGNEZ
DE
CASTRO.

TRADUZIDA DO FRANCEZ.



L I S B O A,
NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.
1 8 2 7.

~~~~~  
*Com Licença.*

LIBRARY

PQ2149

A1 H5

UNIVERSITY OF TORONTO

LIBRARY

367270

'20

H  
O  
I  
E  
A  
M  
K



# HISTORIA

DE

## D. IGNEZ DE CASTRO.



Quantos encantos não tem huma paixão nascente, e como nos deixamos facilmente arrastar aos prazeres, que o amor parece prometter-nos! Mas assaz experimentamos que as suas consequencias são muitas vezes funestas, e que não basta amar para ser feliz. Todos os homens de qualquer estado que sejam, são igualmente o ludibrio da fortuna, e os corações ternos, e apaixonados estão ainda mais sujeitos do que os outros a experimentar os seus caprichos.

Disso se achão varios exemplos nos seculos passados, e o reinado de D. Affonso IV, Rei de Portu-

gal nos fornece hum dos mais tocantes.

Este Principe era filho de D. Diniz, e de Izabel, Princeza de rara virtude. D. Diniz foi taõ feliz em todas as suas emprezas, que diziaõ que nada achava impossivel: quando D. Affonso subio ao throno, foi o seu primeiro cuidado o sustentar a paz no seu Reino, e derramar nelle a abundancia.

Para esse fim concluiu o matrimonio de seu filho D. Pedro, que não tinha entaõ mais que oito annos, com Branca, filha de D. Pedro, Rei de Castella; mas decidio-se que este casamento não teria lugar senaõ quando este Principe chegasse aos dezasseis annos.

Naõ trouxe Branca á Côrte de Portugal mais do que enfermidades, e poucos attractivos. D. Pedro, que era cheio de doçura, e de virtude, nem por isso deixou de viver bem com ella; mas havendo sempre ido em augmento as suas molestias, desejou ella retirar-se. A ro-



gos seus, dissolveo o Papa o seu casamento, e esta desditosa Princeza foi sepultar suas desgraças em hum sitio solitario aonde se retirou. D. Affonso tratou logo de tornar a casar D. Pedro, e fez que desposasse Constança, filha de D. João Manoel, Principe do sangue de Castella, famoso pelas desavenças que teve com o seu Rei.

Havia esta Princeza sido promettida ao Rei de Castella; mas tendo este Principe saltado aos seus ajustes, não houve difficuldade em a dar a D. Pedro, que devia hum dia possuir hum grande Reino. Elle tinha apenas vinte e cinco annos, era o homem mais completo de toda a Hespanha, já pelas qualidades do corpo, já pelas da alma, e em tudo se mostrava digno da Corôa que lhe era destinada.

Constança tinha belleza, espirito, e grandeza d'alma; só o seu merecimento deveria fazer que D. Pedro se lhe affeioasse para sempre: os desvelos que elle tinha pa-

ra com ella, e os signaes de estima, e de respeito que lhe dava, teriaõ podido passar por amor entre aquelles que não prestassem a isso huma extrema attençãõ; mas o seu coração estava reservado para outrem.

Constança, no primeiro anno do seu matrimonio, deo á luz hum filho, que teve por nome D. Luiz, mas que morreo mal vio o dia. Tocou-a sensivelmente esta perda, porém a frieza do Principe, que ella começava a perceber, muito mais a affligio. Entregue toda a seus deveres, amava-o unicamente, e não tinha outro cuidado senão o de agradar-lhe: tão poderosos laços que a ligavaõ tão inteiramente a seu marido, lhe abriraõ bem cedo os olhos sobre as suas acções; mas ella não achou nas provas de amizade que d'elle recebia, esse teruo amor que desejaria, e que só podia preencher hum coração tão delicado como o seu.

Ao principio crêo ella que podia enganar-se; mas havendo-lhe o tem-

po confirmado o que receava, suspirou em segredo, e soube de tal modo encerrar a sua magoa em si mesma, que D. Pedro não deo por isso. Não guardou a mesma reserva para com Ignez de Castro, que tratava mais como sua igual do que como sua dama d'honor, e que distinguia de todas as suas companheiras pela terna amizade que lhe tinha.

Esta rapariga taõ presada pela Princeza merecia bem a preferencia de que gozava; ella era por extremo bella, sábia, discreta, e espirituosa. Amava Constança mais do que a si propria, e lhe havia disso dado as maiores provas, abandonando huma familia illustre por quem era adorada, para entregar-se inteiramente a ella, e segui-la a Portugal. Foi no seio desta virtuosa donzella que a Princeza depositou os seus primeiros desgostos, e nada omittio a amavel Ignez para consola-la.

Não era Constança a unica que

devia queixar-se de D. Pedro. Antes do seu divorcio com Branca, já tivera inclinação a Elvira Gonçalves, irmã de D. Alvaro Gonçalves, favorito do Rei de Portugal, e o que apenas fora mero divertimento na mocidade deste Principe, fez nella huma taõ profunda impressãõ, que o infeliz estado de Branca lhe fizera esperar que poderia hum dia desposar D. Pedro. Com secreto dissabor vio ella preencher Constança o lugar de que fora lisonjeada a sua ambição, e os encantos desta Princeza lhe fizeram mui cedo perder a esperança de agradar para o futuro ao seu esposo.

O ciume que disso teve, lhe fez examinar com cuidado todas as acções do Principe. Percebeo facilmente a sua frieza para com sua esposa, e suspeitou com razão que tinha o coração preocupado de novos affectos. Propôz-se fortemente a contraria-los por toda a sorte de meios, assim que pudesse descobrir

qual era o seu objecto. Tinha ella hum espirito capaz de emprehen-der as cousas mais atrevidas, e o credito de seu irmaõ tornava-a taõ vã, que a mesma indifferença que D. Pedro lhe testemunhava, naõ era bastante para abaixar o seu orgulho.

Passava o Principe huma vida languida, e tinha tanto cuidado em occultar a causa disso, que ninguem podia penetrar cousa alguma. Os espectaculos naõ tinhaõ attractivo algum para elle, todas as conversações lhe eraõ insipidas, e naõ se recreava senaõ na solidaõ.

Esta mudança causou espanto a todos. O Rei que o amava ternamente, fez todas as instancias possiveis para que lhe abrisse a sua alma, e lhe confiasse o motivo de seus desgostos, mas naõ pôde conseguir arrancar-lhe o seu segredo.

Algum tempo depois teve a Princeza hum segundo filho, que foi chamado Fernando. D. Pedro fez hum esforço sobre si mesmo, para tomar

parte na alegria commum, de maneira que todos julgáraõ mudado o seu humor, mas não durou muito tempo esta falsa apparencia, e cahio brevemente na sua sombria melancolia.

Em quanto a artificiosa Elvira estava sem cessar agitada, e occupada em descobrir o seu motivo, servio-a o acaso utilmente, e hum dia em que, transportada de cohera, andava errante pelos jardins do palacio de Coimbra, achou o Principe de Portugal adormecido em huma escura gruta.

Naõ pôde conter o seu enfado á vista deste amavel objecto, examinou-o com attençaõ, e percebeo (a pezar do somno em que estava sepultado) algumas lagrimas que corriaõ de seus olhos. A chamma em que ella ardia ateou-se em seu coraçãõ, e sentio renascer toda a ternura que tivera por elle. Reparou que suspirava, e depois lhe ouviu pronunciar estas palavras: « Sim, di-  
» vina Ignez, antes morrerei do que

» vo-lo declare, e Constança não te-  
 » rá nada a reprehender-me.» Ficou  
 Elvira furiosa ao ouvir estas pala-  
 vras: representou-se-lhe ao mesmo  
 tempo Ignez de Castro com todos  
 os seus attractivos, e não duvidan-  
 do já que fosse ella que possuísse  
 o coração de D. Pedro, concebeo  
 tamanho odio a esta bella rival, co-  
 mo o amor que a elle tinha. A gru-  
 ta aonde havia achado o Principe,  
 não era sitio proprio para reflectir,  
 nem feito para tomar huma resolu-  
 ção. Os seus primeiros transportes  
 teriaõ talvez acordado D. Pedro, se  
 não tivesse divisado hum papel que  
 estava na sua mão: apoderou-se del-  
 le, e a fim de não ser surprehendi-  
 da lendo-o, sahio do jardim com  
 tanto sobresalto como precipitaçaõ.

Havendo-se recolhido ao seu  
 quarto, abriu estremecendo o fa-  
 tal papel, e achou estas regras es-  
 critas pela mão de D. Pedro.

« He em yaõ, honra sagrada,  
 » que excitais combates no meu  
 » coração. Amor, o terno amor re-

» gula o meu destino. Em vaõ o  
 » interesse, e a gloria pertenderiaõ  
 » fixa-lo. O deos certo da sua vi-  
 » ctoria nelle triunfa, e naõ repar-  
 » tirá o seu imperio. Debalde, ó sa-  
 » grado dever! vos oppondes: he  
 » inutilmente que reclamais os vos-  
 » sos direitos. O amor triunfa des-  
 » tes deveres forçados; rompe os  
 » nós que naõ formou, e nenhum  
 » mortal está a salvo de suas settas  
 » fataes; eu sinto os seus golpes  
 » crueis; abraço-me, desfaleço, te-  
 » nho o coração despedaçado, mas  
 » a minha desesperaçãõ me he ca-  
 » ra.

» Bella Constança, a quem he  
 » devida a minha fé, perdoai ao  
 » destino que me arrasta; a elle  
 » só he que se deve criminar, se  
 » o meu coração vos he infiel. Eu  
 » sou vencido a meu pesar. He vos-  
 » sa a minha vida; com a minha  
 » mão vo-la dei, mas naõ tenho  
 » imperio sobre os meus desejos. »

Elvira reconheceo a letra de D.  
 Pedro, e vendo a infeliz parte que



Constança tinha no que acabava de lêr, não pôz dúvida nenhuma em procurar meio para que ella o soubesse: mas a fim de não ser suspeita, não quiz apparecer; e como desejava que Constança soubesse que não só o Principe a não amava, mas que amava Ignez de Castro, fez escrever as regras seguintes por humã desconhecida mão seguidamente ao que D. Pedro havia escrito.

« O somno trahio este desditoso amante: amarguradas lagrimas inundavaõ o seu rosto; a sua lingua imprudente declarou o seu segredo: as suas expressões, fieis interpretes do seu coração, bem deixaõ vêr que nelle triunfa a imagem de Ignez. »

Elvira não tratou de escrever isto com precisão, nem graça, pois nada mais desejava senão produzir o effeito que dahi esperava.

Ella tinha tamanha impaciencia de fazer vêr o que escrevêra, que não pôde esperar até ao outro

dia. Foi immediatamente ao palacio. Constança passeava entaõ pelos jardins. Elvira atravessou o aposento da Princeza, sem achar nenhum obstaculo até ao seu gabinete, e metteo o papel em hum livro que Constança andava lendo. Sahio em fim sem ser vista, mui satisfeita por haver taõ bem sahido da sua empreza.

Assim que Constança esteve de volta, entrou no seu gabinete, e avistou o seu livro aberto com o papel que devia causar tamanha desordem na sua alma. Immediatamente reconheceo huma letra, que lhe era taõ familiar. Vindo a saber aquillo que sempre havia receado, descobrio ao mesmo tempo que quem era a funesta causa, era Ignez de Castro, cuja amizade podia unicamente adoçar, e suavisar as suas penas. O desejo que tinha de achar que seus olhos a enganavaõ, lhe fez lêr varias vezes este fatal papel; por fim ficando demasiado convencida da sua desgraça, sentio ainda

mais dôr do que colera. Enterneceo-a a violencia que o Principe se fizera para occultar a paixãõ que o devorava. Constança gemeo sobre as suas proprias desgraças sem condemnar D. Pedro. A ternura que tinha por este Principe lhe fez derramar huma torrente de lagrimas, e lhe inspirou a resoluçaõ de reconcentrar a sua magoa dentro em si mesma. Ella tinha huma virtude taõ pouco commum, que teria executado o seu designio; mas o Principe (que acordando percebêra que havia perdido o seu papel, e que receava que fizessem máo uso del-le) entrou no palacio com muita inquietaçãõ. Foi promptamente ao aposento de Constança, a qual achou desfeita em lagrimas, avistou no mesmo instante aquelle malfadado papel, que seu coraçãõ havia dictado, e que acabava de chegar ás mãos da Princeza.

Desmaiou a esta vista, e pareceo taõ agitado, que a generosa Constança sentio por isso a mais

viva pena. Senhora , lhe diz elle com voz balbuciente , donde vos veio esse papel? Não pôde vir , responde Constança , senão de algum inimigo do vosso repouso , e do meu. He obra da vossa mão , e certamente o sentimento do vosso coração ; mas não vos sobresalteis : por quanto , se a ternura que por vós sinto me faz olhar a vossa infidelidade como hum crime , esta mesma ternura , que nada he capaz de alterar , me impedirá que me queixe.

A moderação , e prudencia de Constança não servirão senão de tornar o Principe mais confuso , e mais embaraçado. Quanto sois generosa , Senhora , replicou elle , e quanto sou infeliz ! Acompanháraõ algumas lagrimas estas palavras , e a Princeza , que o amava apaixonadamente , ficou de tal fórma tocada do seu estado , que estiveraõ muito tempo hum , e outro sem poder preferir huma palavra. Constança rompeo em fim o silencio , e lhe fez vêr o que Elvira fizera es-

crever. Vós sois trahido, prosequio ella, fostes ouvido, e está descoberto o vosso segredo. Foraõ estas palavras hum golpe de raio para o Principe, todas as suas forças o abandonáraõ, e a sua situaçaõ era digna de piedade. Elle não podia perdoar-se o crime involuntario que havia commettido; expondo a amavel, e innocente Ignez; e posto que não duvidasse da generosidade de Constança, o receio que tinha de que os seus sentimentos compromettessem a sabedoria, e virtude daquella joven, venceo neste momento toda, e qualquer consideraçaõ.

A Princeza que o observava com o maior cuidado, percebeo sobre o seu rosto, e nos seus olhos os indicios de huma tamanha desesperaçaõ, que lhe fez temer as consequencias, e offerecendo-lhe a mão da maneira a mais terna: « Principe, lhe disse, prometto-vos que não me queixarei mais de vós, » e que Ignez me será sempre ca-

» ra : nunca mais me ouvireis fa-  
 » zer-vos reprehensões algumas , e  
 » já que não posso possuir o vosso  
 » coração , farei consistir toda a  
 » minha ventura em tratar ao me-  
 » nos de tornar-me digna delle. »  
 D. Pedro ainda mais envergonha-  
 do, e mais afflicto do que d'antes  
 estava, arrojou-se aos pés de Cons-  
 tança, beijando a bella mão que  
 ella lhe déra, e esqueceo talvez  
 Ignez por hum momento.

Mas brevemente recobrou o amor  
 todos os seus direitos. A fatal es-  
 trella que presidia ao destino de  
 D. Pedro não havia ainda esgotado  
 toda a sua malignidade, e hum mo-  
 mento da presença de Ignez deo  
 huma nova força á sua paixão.

Os desejos desta amavel joven  
 não tinhaõ parte alguma nesta vi-  
 ctoria: seus olhos não eraõ culpa-  
 dos, posto que feitos para inspira-  
 rem amor, e não procuravaõ nos  
 do Principe o que estes desejavaõ  
 perceber nella.

Como Ignez se afastava raras

vezes de Constança, ainda bem não havia D. Pedro sahido do gabinete, entrou nelle, e achando a Princeza pallida, e abatida, não duvidou que tivesse algum motivo de desgosto. Pôz-se na mesma attitude em que estivera o Principe havia hum momento, e patenteando-lhe huma inquietação cheia do interesse que tomava no que lhe dava pena: Senhora, lhe diz, eu vos rogo, pelo muito que me haveis sempre obsequiado, que me não occulteis o motivo da desordem em que vos vejo. Ah! Ignez, respondeo Constança, que he o que quereis saber, e que poderei eu dizer-vos? O Principe, minha querida amiga, o Principe está enamorado. A mão que me deo não era hum presente do seu coração. Eu sou victima de huma alliança formada pelo interesse. Que! o Principe ama! replicou Ignez com huma surpresa misturada de indignação: que belleza póde disputar-vos o imperio sobre hum coração que



por tantos titulos vos he devido? Ah! Senhora, todo o respeito que lhe devo não póde vedar-me o murmurar contra elle. Não o accuseis de nada, interrompeo Constança, elle faz o que póde, e eu lhe estou mais obrigada pelo desejo que tem de me ser fiel do que se possuise o seu coração? Não basta combater, he necessario vencer, e elle faz mais no estado em que se acha, do que eu naturalmente devia esperar d'elle. Em fim he meu esposo, possui todas as qualidades que podem tornar hum Principe perfeito, e nada lhe falta senão o ter-me o amor que eu não posso inspirar-lhe. Este sentimento ter-me-hia tornado demasiado feliz. Ah! Senhora, exclamou Ignez com transporte, he preciso que o Principe seja cego para não conhecer o preço do bem que possui. Elle conhece sem dúvida attractivos superiores aos meus, tornou a Princeza com hum ar de modestia. Mas, Senhora, replicou Ignez, poder-se-



hia achar huma mulher não só em Portugal, mas até em toda a Hespanha que possa ser comvosco comparada? E sem tratar dos vossos encantos, pôde alguém faltar-se de admirar as qualidades da vossa alma? Minha cara Ignez, interrompeo a Princeza suspirando, aquella que me rouba o coração do meu esposo, tem encantos de sobejo para torna-la desculpavel, pois que és tu de quem a sorte se servio para me dirigir este golpe: sim, Ignez, o Principe te ama, e os agrados, e virtudes que te conheço, põem limites aos meus queixumes, e me prohibem que me deixe guiar pelo minimo resentimento.

A encantadora Ignez ficou immovel. O raio te-la-hia menos surpreendido, e magoado do que o discurso da Princeza. Ella ficou algum tempo sem poder fallar, e fixando em fim hum terrivel olhar sobre Constança: Que dizeis vós, Senhora, exclamou? O que! seria

eu capaz de trahir-vos! eu, que vim para junto de vós com tanto empenho a fim de contribuir para a vossa felicidade, seria pelo contrario a causa de todas as desgraças que devem envenenar o resto de vossos dias! Quanto me he odiosa esta belleza, pois que vos he tão fatal, a pesar do pouco cuidado que tenho em faze-la apparecer! Quanto detesto o malfadado dia em que vi o Principe pela primeira vez! Mas, Senhora, não sou eu quem o Ceo destinou para perturbar o vosso repouso, e elle não me odeia tanto que me faça passar por hum tamanho lance: se eu fosse essa infeliz rival, não ha castigo a que eu mesma me não condemnasse. De Elvira he que o Principe está apaixonado; elle a amava já antes de ser vosso, mesmo antes do seu divorcio com Branca. Ter-vos-hão sem dúvida feito huma infiel relação desta intriga da sua mocidade. Mas, Senhora, depois do laço sagrado que o une a vós, de certo

naõ ama ninguem mais. He verdade, respondeo a Princeza, que D. Pedro vos ama, e tenho assaz boa opiniaõ de mim para crêr, que nenhuma outra senaõ vós poderia disputar-me o seu coração. Além disso o segredo está descoberto, e elle naõ o negou. Como? interrompeo Ignez mais maravillhada que nunca, foi pois elle mesmo que vos descobrio a sua fraqueza! A Princeza mostrou-lhe entaõ o papel que a havia instruido. Nada póde igualar-se á desesperaçãõ que esta vista produzio em Ignez. Em quanto ambas estavaõ assim tristemente occupadas em suspirar, e chorar, a impaciente Elvira que desejava ardentemente saber o effeito que havia produzido a sua perversidade, tornou ao quarto da Princeza, aonde entrou livremente: foi direita ao gabinete aonde estavaõ aquellas duas infelizes: no delirio, e afflicçãõ em que estavaõ, cobríraõ-se de pejo á sua chegada, confusas por serem surprehendidas naquelle mo-

mento. Elvira teve o barbaro prazer de vêr Constança esconder-lhe aquelle papel que acabava de ser a causa da sua afflicção, e que ella não expuzera á vista da Princeza senão para saciar o seu odio, e a sua vingança. Vio tambem com prazer nos olhos de Constança, e nos de Ignez huma dôr excessiva. Demorou-se no gabinete tanto tempo quanto lhe era necessario para poder certificar-se de que havia conseguido os seus fins; mas a Princeza que não queria ter huma testemunha da perturbação em que então se achava, rogou que a deixassem só. Elvira sahio pois do gabinete, e Ignez de Castro retirou-se ao mesmo tempo.

Quando Ignez se vio no seu quarto, e reflectio com mais liberdade naquelle horrendo successo, achou a morte preferivel á sua situação. Ella amava Constança verdadeiramente, e não havia até alli sentido pelo Principe senão estima, e admiração. Ninguem com effeito

podia negar-lhe huma, e outra. Julgou-se a mais infeliz de todas as mulheres, visto que causava as desgraças de huma Princeza, a quem devia tanto por todas as bondades que lhe havia testemunhado; passou a noite inteira em pranto, e gemidos, e a sua dôr só por si seria capaz de vingar Constança de todos os males que ella lhe fazia soffrer.

Por outro lado o Principe não estava mais tranquillo. A generosidade da Princeza augmentava os seus remorsos sem diminuir o seu amor. Elle receava com razaõ, que os mesmos que haviaõ dado aquelle papel a Constança, descobrissem a sua paixãõ ao Rei; não esperava que lha perdoasse, e teria de bom grado dado a vida para não se vêr reduzido a esta extremidade.

Em quanto D. Pedro se achava entregue a este mortal desassocego, definhava-se a Princeza de afflicção. Não achava naquelles que

eraõ a causa de suas desgraças, se-  
naõ objectos mais proprios para ex-  
citar a sua ternura do que a sua  
colera. Nem todo o seu ciume pô-  
de jámais destruir a inclinaçãõ que  
tinha para amar a sua rival, bem  
como o amor que tinha ao Princi-  
pe, e naõ experimentou nunca odio,  
nem mesmo indifferença para com  
a innocente Ignez.

Em quanto estas tres desgra-  
çadas/pessoas se abandonavaõ ao  
seu desgosto, Elvira, para naõ dei-  
xar imperfeita a sua vingança, pro-  
curou os meios de torna-la comple-  
ta. Como julgava com razãõ que o  
Rei naõ approvaria o amor de D.  
Pedro a D. Ignez de Castro, des-  
cobrio-o a D. Alvaro, seu irmão.  
Tinha ella tanta maior razãõ para  
contar com elle, que este lhe mos-  
trava muita amizade, e naõ ignora-  
va que o Principe a havia amado.  
A paixãõ secreta que D. Alvaro  
sentia por Ignez, fez-lhe tomar hum  
grandissimo interesse nesta novida-  
de: o cuidado que elle tivera na

sua fortuna, lhe havia impedido até então o descobrir-lha, e esperava que o seu favor junto do Rei lhe obtivesse dignidades, que tornassem mais agradavel a offerta do seu coração.

Naõ fez hum mysterio a sua irmã daquella paixão, que era com effeito difficil esconder-lhe. Foi para ella huma nova pena o achar Ignez soberana de todos os corações, sobre os quaes só ella queria reinar. D. Alvaro era hum desses homens ambiciosos, cuja violencia nada pôde suspender, imperioso, cruel, sem generosidade, de hum humor sombrio, e melancolico, e que para conseguir os seus fins, nada achava difficil, nem illegitimo. Já-mais elle fora afeiçoado ao Principe. Receava que a reputação de que gozava D. Pedro lhe adquirisse demasiada influencia no espirito do Rei, e puzesse limites ao seu favor. Assim que soube que o Principe era seu rival, augmentou-se o seu odio com o seu ciúme. Pedio

energicamente a Elvira, que empregasse todos os seus cuidados em contrariar huma paixão, que não podia senão ser-lhes nociva a ambos. Assim lho prometteo, mas elle não teve lugar para ser satisfeito de haver confiado nella.

D. Alvaro, que muito bem conhecia os encantos, e graças do Principe de Portugal, não tinha outras vistas mais do que combatel-as, e procurar deprimir o seu merito, tanto mais que a natureza lhe havia recusado os seus dons.

A sua figura era tão desagradavel como o seu caracter, e D. Pedro possuia todas as qualidades do corpo, e do espirito. Em fim tinha tudo quanto faltava a D. Alvaro. Mas como era esposo de Constança, e dependia de hum pai absoluto, e que além disso D. Alvaro era livre, e senhor de immensos bens, não duvidou este ultimo que levaria a palma ao Principe junto de Ignez, e fundou toda a sua esperança sobre estas circunstancias.



Elle bem sabia que a paixão de D. Pedro irritaria muitissimo o Rei contra elle; e como era industrioso em fazer mal; foi o seu primeiro cuidado levar-lhe essa desagradavel noticia. Depois de haver deixado tempo ao Rei de acalmar a sua dôr, e de ficar elle mesmo mais tranquillo, supplicou ao Rei, que se dignasse interessar-se na sua paixão, e protege-la.

Posto que D. Alvaro não tivesse para com o Rei outro merito mais do que huma céga obediencia a todas as suas ordens, com tudo havia recebido delle grandes favores, e a alta jerarquia a que se achava elevado, lhe dava direito a pertender a alliança das Senhoras da mais alta qualidade. Ratificou-lhe o Rei de novo a sua protecção, e prometteo-lhe que se tivesse algum poder sobre a encantadora Ignez, jámais ella seria de outrem.

D. Alvaro que sabia a arte de governar o espirito de seu Senhor, respondeo a estes ultimos obsequios

do Rei com os signaes do mais profundo respeito. Não tinha elle ainda descoberto a sua paixão a Ignez, mas julgou que devia entãõ fazer-lhe huma declaração pública, e tratou de procurar os meios para esse fim.

Principiou a galantaria a sahir do esquecimento em que parecia jazer havia muito tempo em Coimbra. O Rei para agradar a D. Alvaro ordenou, com o pretexto de divertir Constança; divertimentos públicos, e quiz que cada dia fosse assinalado por espectaculos magnificos.

Desde o fatal dia em que o papel de D. Pedro fora descoberto, fazia este todos os esforços para se constranger, e para occultar a sua paixão; que lhe fazia experimentar os maiores tormentos. Não era sem huma pena extrema; que elle se preparava para o torneio. Como não podia apparecer com as insignias de Ignez, tomou as de Constança sem divisa, e com pouca magnificencia.

D. Alvaro adornou-se com as insignias de Ignez, e esta amavel dama, que não havia experimentado conforto algum depois da fatal confidencia que a Princeza lhe fizera, teve mais este novo motivo de desgosto.

Appareceo D. Pedro na lide com huma graça admiravel, e D. Alvaro, que suppunha este dia o mais interessante da sua vida, apresentou-se todo resplandecente de oiro semeado de pedras preciosas de côr azul, que era a de Ignez. Toda a sua equipagem era de veludo azul, sobre a qual se viaõ corações inflammados bordados de oiro. Tinha tambem redes, que designavaõ os laços do amor crivados de huma grande quantidade de A I enlaçados, que eraõ as primeiras letras do seu nome, e do da sua amada. A sua divisa era hum Amor sahindo de huma nuvem, e por baixo estavaõ escritas estas palavras:

« O Amor, semelhante ao Deos  
» do dia, sahe de huma nuvem,

» desen olve a sua gloria ao uni-  
 » verso, para fixar as suas vistas  
 » sobre olhos encantadores, e fa-  
 » zer-lhes conhecer que ao seu po-  
 » der devem o enternecer os cora-  
 » ções. »

O orgulho de D. Alvaro foi bem depressa abatido aos pés do Principe de Portugal, que o derrubou por terra assim como a outros vinte; elle ganhou toda a vantagem, e toda a gloria deste dia. Houve á noite em casa de Constança huma assembléa de tudo quanto havia de mais nobre na Côrte, aonde não compareceria Ignez, se a Princeza não lho houvesse expressamente ordenado. Foi pois lá com hum vestido mui singelo, mas não obstante appareceo com huma belleza allucinadora. Com despreso vio que D. Alvaro trazia o seu nome, e as suas côres em hum espectaculo público. Se o seu coração fosse capaz de algumas ternas impressões, nunca o fora por hum homem tal como elle. Lançou sobre este temerario

huns olhos cheios de dêsdem, que não o impedirão de se chegar a ella de tão perto, que foi obrigada a escutar o que tinha a dizer-lhe.

Naõ o recebeu Ignez de huma maneira incivil, mas a frieza que lhe mostrou teria desanimado a todo aquelle que não fosse D. Alvaro. « Senhora, lhe disse elle, (quando lhe pareceo que não podia mais ninguem ouvi-lo senão ella) tenho-vos occultado até aqui o amor que me haveis inspirado, pelo receio que tinha de desagradar-vos; mas a violencia da minha paixão rompeo todos os limites do respeito que eu me havia prescripto, e não posso por mais tempo encobrir-vo-la. » Eu nunca examinei as vossas acções, lhe respondeo Ignez com indifferença; mas se haveis pensado que me offendieis falando-me no vosso amor, fizestes mal em descobrir-mo. Essa frieza não póde ser senão de hum terrivel presagio para mim, replicou D. Alvaro, e se hoje não haveis percebido

do a minha paixão para comvosco, muito temo que jámais a aproveis.

Que tempo escolhestes vós para patentear-ma? proseguio Ignez; tamanha honra he para mim que tendes tanto empenho em instruides disso o universo? Pensais vós que eu seja tão avida de gloria, que tenha precisaõ do brilho de vossas accões para a adquirir? Se tinheis essa idéa, o que se passou no torneio deve te-la destruido, e se credes que seja a vaidade quem me faça estimular, não fareis hum grande progresso em huma alma que não ama a vergonha, nem o opprobrio. Quando mesmo houvesseis alcançado a victoria que o Principe ganhou hoje, deverieis sempre convir que he temeraria a vossa conducta, e não he possivel, sem offender huma pessoa tal como eu, esperar commove-la com accões comprehendidas sem sua licença, e que não provaõ respeito algum para com ella.

D. Alvaro era demasiadamente orgulhoso para ouvir sem colera o que Ignez acabava de dizer-lhe; mas como temia desagradar-lhe, escondeo-lhe o seu resentimento, e reflectindo sobre o que ella dissera ácerca do triumpho de D. Pedro, redobrou-se o ciúme que já tinha delle. Se não fui vencedor no torneio, replicou elle, nem por isso sou menos amoroso, ainda que vencido, nem menos capaz de des-empenho em outras occasiões.

Neste momento foraõ interrompidos. Depois desse dia D. Alvaro, que havia vencido as primeiras difficuldades, não se conteve mais no respeito que costumava guardar, e continuamente perseguia Ignez; mas posto que fosse protegido pelo Rei, nem por isso ella mais o attendia. Durante esse tempo ignorava sempre D. Pedro por que meio o papel que perdêra no jardim, havia chegado ás mãos de Constança. Como a Princeza lhe havia mostrado muita indulgencia, só Ignez



he que lhe dava cuidado; o amor de D. Alvaro, que era entã assaz conhecido por todo o mundo, augmentava a sua magoa, e se elle possuísse a authoridade, não teria soffrido que Ignez estivesse exposta ás perseguições de hum tão indigno rival. Não estava tambem menos espantado do aviso que o Rei tivera da sua paixão, mas não pensava de modo algum em Elvira, e não temia nenhuma consequencia do seu resentimento.

Entre tanto a irmã de D. Alvaro, que ardia por não comprometter Ignez, contra a qual desenvolvia toda a sua raiva, não se fartava de urdir novas tramas com seu irmão, assegurando-lhe que, posto que não tivessem prova alguma de que Ignez correspondesse ao amor do Principe, era todavia ella a causa de todos os desgostos de Constança, e que se esta chegasse a morrer, casaria D. Pedro com Ignez. Finalmente soube accender o ciu-me de D. Alvaro até tal ponto, que



elle foi immediatamente procurar o Rei, a quem descobrio tudo quanto sabia da paixã do Principe. Deo-lhe parte ao mesmo tempo das suas conjecturas, e teve o prazer de vêr que conseguira os seus fins, pela colera que excitou no coração do Rei. Meu querido Alvaro, lhe diz Affonso, quero que esposeis incessantemente essa belleza taõ perigosa, e que o vosso casamento com ella segure o vosso, e meu repouso. Se eu vos tenho protegido em todas as occasiões, imaginai quanto poderá fazer-me emprehender hum serviço de tamanha importancia para mim. Em vossas mãos deposito toda a minha authoridade, vós podereis dispôr de todas as forças do meu Estado, se alcançais fazer-vos senhor do destino de Ignez.

D. Alvaro contente, e ufano pelas bondades de seu Soberano, pôz em prática todo o poder que elle acabava de conferir-lhe: mas como amava Ignez apaixonadamente, não quiz logo empregar a vio-

lencia, e resolveo valer-se de todos os meios possiveis para ganha-la por boas maneiras. Tencionava com tudo recorrer á força, se ella persistisse sempre na indifferença que lhe mostrava.

Ignéz por outro lado (importunada pelas assiduidades de D. Alvaro, desesperada pela dôr de Constança, e talvez tornando-se sensivel por aquella que causava ao Principe de Portugal) tomou huma resolução digna da sua virtude. Por mais amavel que fosse D. Pedro, não via nelle mais do que o esposo de Constança, que lhe era cara. Longe de fazer nenhum esforço para augmentar o imperio que ella tinha no seu coração, não pensou senão em ausentar-se de Coimbra. A paixão de D. Alvaro, que não tencionava favorecer, servio-lhe de pretexto. Além do que, era a isso excitada pelo receio que tinha de causar hum rompimento total entre o Principe, e a Princeza. Foi pois procurar Constança com hu-

ma perturbação, que não pôde esconder-lhe por mais que o desejasse.

Percebeo-a facilmente a Princesa, e não havendo a sua reciproca desgraça alterado em nada a sua terna amizade: Que tendes, Ignez? lhe diz a Princesa com a sua ordinaria doçura, e que nova desventura causa essa tristeza que diviso nos vossos olhos? Senhora, lhe diz Ignez derramando huma torrente de lagrimas, as obrigações que vos devo, e a amizade que me liga a vós, me põem em huma cruel alternativa. Eu fazia consistir a dita da minha vida em passa-la junto de vós, mas he preciso que eu fuja para qualquer outra parte do mundo, a fim de esconder huns falsos encantos que não me causão senão desgostos. Para obter para esse fim a precisa licença, he que eu me arrojo aos vossos pés, respeitandovos como minha Ama, e minha Soberana.

Ficou Constança taõ surprehen-

dida, e taõ commovida pela proposição de Ignez, que perdeu o uso da palavra durante alguns momentos. Sinceras lagrimas exprimirão os seus primeiros sentimentos, e depois de have-las abundantemente derramado, querendo dar á amavel, e afflicta Ignez huma nova prova da sua ternura, contemplou-a com hum ar consternado, e dando-lhe a mão da maneira a mais obsequiosa, exclamou suspirando: Abandonar-me-heis pois, minha querida Ignez, e expôr-me-heis á magoa de nunca mais vos vêr? Ai! Senhora, interrompeo esta amavel Dama, poupai á infeliz Ignez huma bondade, que não faz senão augmentar as suas desgraças. Não sou eu, Senhora, que desejo abandonar-vos; he a minha razão, e o meu dever que regulaõ o meu destino, e nada poderia fazer-me separar de vós, se a isso me não visse absolutamente forçada. Não ignoro o que se passa em Coimbra, e seria complice da injustiça que se commetteria, se

aqui permanecesse por mais tempo. Ah! eu conheço a vossa virtude, diz Constança, e podeis ficar aqui com toda a segurança. Eu serei vossa protectora, e succeda o que vos succeder, nunca vos accusarei. Vós não podeis responder pelos acontecimentos, replicou tristemente Ignez, e eu me reputarei sempre criminosa, se a minha presença faz nascer sentimentos que não sejam innocentes. Além disso, Senhora, as impertinencias de D. Alvaro me são insupportaveis, e posto que eu não sinta senão aversão á sua pessoa, depois que o Rei apoia a sua temeridade, e que lhe proporciona toda, e qualquer empreza, a minha fuga he absolutamente necessaria. Com tudo, Senhora, a pesar do odio que elle me inspira, juro pelo Ceo, que se eu pudesse curar o Principe, esposando D. Alvaro, não hesitaria hum momento, e a consolação que acharia em sacrificar-me pela minha Princeza, me faria supportar a minha

pena sem murmurar. Mas ainda quando eu fosse mulher de D. Alvaro, D. Pedro me olharia sempre com os mesmos olhos. Não vejo pois nada mais conveniente para mim do que ir esconder-me em algum distante retiro, aonde, posto que de certo viverei sem nenhum prazer, terei ao menos a consolação de consolidar desse modo o socego da minha querida Ama. Todas as vossas razões, respondeo Constança, não podem obrigar-me a approvar o vosso designio. Poderá a vossa ausencia restituir-me o coração de D. Pedro? Não vos seguirá elle por toda a parte? A sua dôr he tambem minha, e a minha vida está ligada á sua. Não o reduzais pois á desesperação, se me tendes alguma amizade; eu vos conheço; ainda huma vez vo-lo digo, por maior que possa ser o vosso poder sobre o coração do Principe, não soffrerei que vós nos abandoneis.

Ainda que Ignez pensasse conhecer perfeitamente Constança,

naõ esperava experimentar tanta grandeza d'alma da sua parte. A-  
chou-se por isso menos desditosa,  
e o Principe mais criminoso.

Ó sabedoria ! ó bondade sem exemplo ! exclamou ella , porque naõ vos concede o cruel destino tudo quanto mereceis ? Vós sois senhora de todas as minhas accções, continuou ella beijando a maõ de Constança , eu me sujeitarei a tudo o que ordenardes. Mas pezaibem as razões que devem aconselhar-vos nas medidas que me obrigais a tomar.

D. Pedro , que naõ havia ainda visto a Princeza em todo o dia , veio ao seu aposento , e achando-as ambas extremamente perturbadas , perguntou-lhes a causa com huma viva impaciencia. Principe , respondeo Constança , Ignez demasiadamente sábia , e escrupulosa , teme os effeitos da sua belleza , e naõ quer permanecer por mais tempo em Coimbra. Era sobre este assumpto , que naõ póde ser-me agra-

davel, que ella me pedia o meu parecer. Desmaiou o Principe a este discurso, e mostrando huma dôr ainda maior do que a que ellas tinhamão: Ignez, diz elle com voz tremula, não pôde errar seguindo os vossos conselhos, Senhora, e eu vos deixo em plena liberdade de lhos dar. Sahio immediatamente; e a Princeza, que ternamente o amava, não podendo occultar a sua afflicção: Minha cara Ignez, lhe diz, ainda quando a minha ventura não dependesse do prazer de viver comvosco, deseja-lo-hia por amor de D. Pedro. He a unica vantagem que pôde esperar o seu desgraçado amor; e não teria todo o mundo razão para me tratar de barbara, se contribuisse para priva-lo della? Mas a minha vista será sempre hum veneno para elle, replicou Ignez, e que seria de mim, minha Princeze, se depois da reserva que elle tem guardado até agora, viesse pôr cumulo ás minhas magoas, rompendo o silencio para fallar-me no



seu amor? Vós o escutareis seguramente, lhe diz Constança, sem o pôr em desesperação, e eu acrescentaria esta obrigação a todas aquellas que já vos devo. Quereis pois, Senhora, que eu espere esses successos que temo, replicou Ignez, pois bem . . . obedecer-vos-hei; mas oxalá que o justo Ceo, proseguio ella, se elles se tornarem funestos, não puna hum coração innocente. Assim acabáraõ a sua conversa. Retirou-se Ignez para o seu quarto, mas não ficou em hum estado mais tranquillo.

Muita agitação causou a D. Pedro o projecto de Ignez. Quizera antes não ter nunca amado, e desejou a morte; mas não cabia no seu poder o mudar as ordens do destino, e por mais que se resolvesse a supportar a ausencia de Ignez, era mui forte a sua ternura para poder em tal consentir.

Depois de haver por muito tempo combatido consigo mesmo, determinou-se a fazer o que não que-

ria permittir a Ignez. O seu valor reprehendia a ociosidade, na qual passava os mais bellos annos da sua vida. Representou pois ao Rei, que seus Alliados, e mesmo o Principe D. Joã Manoel, seu sogro, se achavaõ implicados em negocios, que exigiaõ a sua presença na fronteira; e obteve facilmente licença para fazer esta viagem, á qual a Princeza não se oppôz.

Vio-o Ignez partir sem pena alguma, ainda que não lhe era desaffeiçoada. D. Alvaro principiou de novo as suas importunações, e a perseguição abertamente. Não esqueceo nada para commover a insensivel Ignez, e não empregou por muito tempo senão as armas do amor. Mas vendo que a sua submissão, e o seu respeito lhe eraõ inuteis, resolveo servir-se dos meios os mais violentos.

Como o Rei tinha huma inteira contemplação para com todos os seus conselhos, não lhe foi difficil fazello approvar os seus intentos. Quei-

xou-se da ingratitude de Ignez, e pôz tudo em prática para persuadi-lo de que ella não provinha senão da paixão que Ignez tinha pelo Principe. Tendo este discurso excitado a colera do Rei, repetio-lhe este todas as promessas que lhe havia feito.

D. Affonso não tinha ainda fallado a Ignez a favor de D. Alvaro, e não duvidando que a sua approvação vencesse todos os obstaculos, aproveitou a primeira occasião que teve de conversar com ella para lhe fallar nisso. Eu creio, lhe diz elle, que D. Alvaro tem assaz merecimento para ter obtido algum quinhão da vossa estima, e não julgo que seja necessario que vos falle em seu abono. Bem sei quanto vós valeis, mas não ha nada nelle que possa faze-lo indigno de vós; e quando tiverdes reflectido sobre a escolha que a minha amizade fez d'elle entre todos os Grandes da minha Côrte, far-lhe-heis a mesma justiça. As suas circumstancias são

as mais brilhantes , pois sou seu protector. Tem nobreza , honra , e coragem ; adora-vos , e parece-me que todos estes motivos devem bastar para vencer a vossa altivez.

Estava Ignez tão pouco disposta a dar o seu coração a D. Alvaro , que tudo quanto o Rei de Portugal acabava de dizer-lhe , não produziu nenhum effeito em seu favor. Quando D. Alvaro , respondeo ella , não tivesse merecimento algum , os obsequios com que Vossa Magestade se apraz de honra-lo , lhe dão bastante realce para o fazerem conseguir tudo quanto quizer emprehender , e se eu não respondo aos seus desejos , não he porque lhe ache algum defeito ; mas , Senhor , com que injusto poder quererieis vós que eu o amasse , se o Ceo não me deo hum coração terno ? E porque pertenderieis que me sujeitasse a elle , se nada no mundo me he mais caro do que a minha liberdade ? Vós não estais tão livre , nem tão insensivel

como o dizeis, respondeo o Rei afogueado de colera, e se o vosso coração não estivesse occupado de outro objecto, teria D. Alvaro occasião de esperar correspondencia da vossa parte: mas, proseguio elle com furor, mulher imprudente, e audaz, que pertencões tendes ao coração de D. Pedro? Tenho até agora occultado o desgosto que me causão a sua fraqueza, e a vossa; mas ainda que o não dêsse a conhecer, nem por isso era menos violento; e já que me forçais a fazer-lo patente, tende a certeza de que quando meu filho não tivesse desposado Constança, nunca seria vosso. Renunciai pois a essas quimeras, se quereis cura-lo, e justificar-vos.

A animosa Ignez foi apenas senhora dos seus primeiros movimentos ao ouvir este discurso tão cheio de desprezo; mas chamando a virtude em seu auxilio, a razão lhe deo forças para tornar a si da perturbação em que estava, e fazendo

reflexão, que o insulto que o Rei acabava de fazer-lhe, não provinha senão da sua cegueira, e da sua predileção pelo seu favorito, não conservou disso nenhum resentimento. Seus bellos olhos estavaõ animados com hum fogo tão doce, e ao mesmo tempo tão nobre, que patenteavaõ a pureza de seus sentimentos, e fitando-os com firmeza sobre o Rei: Se o Principe D. Pedro tem fraquezas, lhe diz ella oom ar desdenhoso, nunca mas fez conhecer, e estou bem certa de não haver jámais para isso contribuido; mas para mostrar-vos o pouco caso que faço das vossas injustas suspeitas, e para pôr a salvo a minha gloria, viverei longe de vós, e de tudo quanto vos pertence. Sim, Senhor, deixarei Coimbra com prazer; e a respeito desse favorito que vós he tão caro, accrescentou com huma nobre altivez, cuja força toda o Rei sentio, desse favorito tão digno de possuir a afeição de hum grande Principe, certifico-

vos que em qualquer parte do mundo que a fortuna me colloque, não guardarei delle a minima lembrança. A estas palavras fez huma profunda reverencia, e se afastou tão promptamente da presença do Rei, que elle não poderia oppôr-se-lhe, ainda que o quizesse.

Ficou o Rei mais persuadido que nunca de que Ignez favorecia a paixão de D. Pedro. Foi immediatamente procurar Constança para participar-lhe as suas idéas, mas ella não era susceptivel de receber taes impressões, e seguindo a sua natural inclinação, defendeo-a com muita generosidade. O Rei, que teria querido inspirar-lhe os sentimentos de indignação que tinha para com Ignez, ficou escandalisado por vê-la tão prevenida a favor da sua rival, e lhe lançou em rosto a sua demasiada doçura; foi depois ter com D. Alvaro. A sua colera augmentou a raiva no favorito: este ultimo ficou na maior desesperação, sabendo que a tentati-



va que seu Amo acabava de fazer, não havia produzido effeito algum a seu favor: Zomba pois de mim essa orgulhosa mulher, disse elle ao Rei, e despreza a honra que a vossa bondade lhe offerece! Que não possa eu resistir a huma paixão tão fatal? Mas amo-a a meu pesar, e não posso extinguir a chama que me consome.

Havia pouco mais, ou menos tres mezes que D. Pedro estava ausente, quando D. Alvaro apprehendeo roubar Ignez: posto que a moderação daquelle Principe lhe fosse conhecida, sempre temia a sua presença, e não queria esperar a volta de hum rival, com o qual não desejava ter desavença alguma.

Huma noite em que a desditosa Ignez accumulada de seus ordinarios cuidados, esperava em vão o somno, sente bulha, e vê entrar no seu quarto huns homens que lhe eraõ desconhecidos. As suas medidas estavaõ tão bem tomadas, que



a arrebatáraõ do palacio , e tendo a mettido em huma carruagem fechada , a conduzíraõ fóra de Coimbra sem acharem obstaculo algum. Ella não sabia de quem devia queixar-se , nem de quem poderia suspeitar. Parecia-lhe D. Alvaro mui poderoso para procurar satisfazer-se por aquelle meio , e tinha mui boa opiniaõ do Principe para accusa-lo de semelhante attentado. Em fim , por mais que fizesse , foi obrigada a ceder á sua má fortuna. Os raptores fizeraõ tamanha diligencia , que se acháraõ mui longe da Cidade antes do raiar da aurora.

Apenas appareceo o dia , lançou ella os olhos sobre todos os que a cercavaõ , e nem hum só conheceo. Vendo que os seus arrebatadores eraõ surdos a seus rogos , e aos seus gritos , implorou o soccorro do Ceo , e deixou-se conduzir.

Em quanto Ignez estava assim attenuada de dôr , incerta do seu destino , avistou huma multidaõ de

hómens a cavallo, que se avançava para a carruagem que a conduzia. Os seus raptos não a evitáraõ, suppondo que era D. Alvaro; mas assim que se acháraõ mais proximos, percebêraõ que era o Principe de Portugal que vinha á testa delles, e que sem prever a occasiaõ que se offerencia de servir Ignez, voltava para Coimbra com ella na idéa, depois de haver acabado a expedição que lhe fora confiada.

Ignez, que não o esperava, mudou entaõ de opiniaõ, e não duvidou mais que fosse D. Pedro quem a fizera arrebatat. Sois vós, Principe, lhe diz ella, que me haveis separado da Princeza? Partiria este tremendo golpe de huma mãõ que lhe he taõ cara? Que fareis de huma pessoa malfadada, que não deseja senaõ a morte? Mancharieis vós a gloria da vossa vida com hum artificio indigno de vós? Este discurso não produzio menos surpresa no Principe, do que a vista de Ignez lhe havia causado. Comprehendo

pelo que ella acabava de dizer-lhe, a violencia que lhe faziaõ, e entrando ao mesmo tempo em hum accesso de furor, fez-lhe perceber por hum só olhar, que não era o indigno author da sua desgraça. Arrebatar-vos-hia eu, respondeo elle, do pé de Constança, cuja consolação toda vós sois? Que opiniaõ fazeis de D. Pedro? Não, Senhora, ainda que me vedes aqui, sou innocente da violencia que vos tem sido feita, e não ha nada que eu não emprehenda para impedi-la. No mesmo instante virou-se para o lado dos seus raptos, a fim de reconhecê-los, mas a sua presença já os havia dissipado. Ordenou pois a alguns de seus criados, que os perseguissem, e prendessem, a fim de poder descobrir por que ordem haviaõ commettido aquelle attentado.

Durante este tempo não estava Ignez menos confusa do que antes. Dava parabens á sua sorte, que lhe deparava o Principe em hum momento em que se lhe tornava taõ

necessario. Exultava por ter sahido de hum perigo que lhe parecia inevitavel; mas esta alegria era perturbada pela reflexaõ que fazia sobre ser seu libertador o seu proprio amante, e hum amante digno de toda a sua gratidaõ, mas que devia o seu coraçãõ á mais amavel Princeza do mundo.

Em quanto os criados do Principe estavaõ occupados em perseguir os raptos de Ignez, tinha elle ficado quasi só com ella, e posto que tivesse sempre resolvido evitar hum taõ perigoso momento, naõ pôde a sua firmeza resistir a huma occasiaõ taõ favoravel. Senhora, lhe diz elle, como he possivel que homens destinados a obedecer-me; hajaõ sido capazes de vos offendere-m? Jámais pensaria eu que tivesse de vingar huma injúria tal; mas já que o Ceo permittio que vo-la fizessem, primeiro morrerei do que deixa-la impune. Principe, respondeo Ignez, a quem este discurso causava ainda mais pena do

que a empreza de D. Alvaro, aquelles que faltáraõ ao respeito á Princeza, e a vós, não são obrigados a terem-no para comigo; eu não duvido que seja D. Alvaro o author deste attentado, e sei o que devo temer d'elle por tudo o que as suas impertinencias me fizeraõ já soffrer. Elle tem segura a protecção do Rei, e fa-lo-ha complice do seu crime; mas o Ceo vos conduzio aqui felizmente para mim, e fico-vos devedora pela liberdade que me haveis restituído, da ventura igualmente de servir ainda a Princeza. A vossa gratidaõ, e amizade, respondeo o Principe, vos ligaõ a Constança, e o meu destino me une a vós para sempre.

A modesta Ignez, que receava este discurso tanto como a desgraça que acabava de evitar, não lhe respondeo senaõ abaixando os olhos, e o Principe que percebeo a commoção em que ella estava, deixou-a para ir fallar com as suas guardas. Nesse mesmo momento con-

duziaõ hum dos criados de D. Alvaro. A confissaõ deste prisioneiro descobrio-lhe a verdade. D. Pedro perdoou-lhe, naõ julgando dever punir qualquer que obedecia a hum homem, a quem a fraqueza de seu Pai havia tornado poderosissimo.

Leváraõ depois Ignez para Coimbra, aonde a sua aventura começava a fazer grande bulha. A Princeza estava desesperada, e julgou ao principio que era huma consequencia do designio que Ignez tivera de se retirar; mas tendo-lhe dito algumas suas aias que ella fora arrebataada por força, foi queixar-se disso ao Rei, que naõ lhe deo importancia alguma.

Senhora, lhe diz elle, deixai que essa belleza fatal se afaste de vós. He ella quem vos usurpa o coraçãõ de D. Pedro; naõ vos affijais pela sua ausencia, e agradecei-a antes ao Ceo, e a mim.

A generosa Princeza tomou o partido de Ignez com a maior firmeza, e estava ainda occupada em

advogar a sua defeza, quando chegou o Principe a Coimbra.

O primeiro objecto que ferio os olhos do Principe, foi D. Alvaro. Nesse momento atravessava elle hum dos pateos do palacio, rodeado de huma multidaõ de Cortezãos, a quem o seu valimento junto do Rei attrahia ao seu sequito. Esta vista excitou o furor de D. Pedro, mas a do Principe, e de Ignez causou em D. Alvaro outra especie de emoção. Facilmente advinhou, que fora D. Pedro quem transtornára o seu projecto. Se se deixasse guiar por todo o seu furor, produziria este os mais funestos effeitos.

D. Alvaro, lhe diz o Principe, he pois assim que usais da authoridade que vos deo o Rei meu Pai? Foi só para commettér as acções as mais infames, que fostes condecorado com os mais eminentes empregos? E não vos servis da authoridade que vos he confiada, senão para roubar Ignez? Ignorais

quanto a Princeza se interessa em tudo o que respeita áquella dama, e não sabeis a ternura, e estimação que lhe professo? Não, respondeo D. Alvaro com insolencia, não o ignoro, e bem sei o interesse que o vosso coração lhe dedica. Como és fraco, e perfido, respondeo o Principe, nem o favor de que tanto tens abusado, nem a tua audacia me impediriaõ de te punir, se fosses digno da minha colera: mas ha outros meios de abaixar o teu orgulho; e não conviria empregar armas taes como as minhas na vil tarefa de castigar hum escravo tal como tu.

Partio D. Pedro depois de haver dito estas palavras, e deixou D. Alvaro em hum furor inexplicavel. A desesperação que sentia por vêr mallograda huma empreza que julgava taõ certa, e o desprezo que o Principe lhe havia mostrado, lhe fez tomar a resolução de sacrificar tudo á sua vingança.

Posto que o Rei amasse seu fi-



lho, estava taõ prevenido contra a sua paixãõ, que naõ pôde perdoar-lhe o que elle fizera, e condemnou-o por este ultimo acto de justiça, que acabava de praticar livrando Ignez, como se isso tivesse sido o maior dos crimes.

Elvira, a quem a doçura da esperança havia por alguns momentos lisonjeado, vio com sensível desgosto o regresso de Ignez, que naõ lhe permittio mais de pensar senãõ em imitar seu irmão.

O Principe vio em fim o Rei; mas em vez de ser por elle recebido com a alegria devida ao proveito da sua viagem, pareceo-lhe desgostoso, e agitado. Depois de feitos os primeiros preambulos, e de lhe haver circunstanciadamente relatado tudo quanto fizera, fallou-lhe D. Pedro da violencia que fora commettida contra Ignez de Castro, e queixou-se disso em nome da Princeza, e no seu mesmo.

Deveis guardar silencio sobre este negocio, replicou o Rei, e o

motivo que vos faz fallar, he tão vergonhoso, que me faz suspirar, e envergonhar por vós. Acaso vos toca o queixar-vos, se essa rapariga, cuja presença me he importuna, se acha ausente daqui? Mas, Senhor, interrompeo o Principe, que necessidade havia de empregar a força, o artificio, e as trevas, quando a minima de vossas ordens teria sido sufficiente? Ignez vos teria obedecido com gosto, e se permanece em Coimbra, he talvez contra sua vontade. Mas em fim, Senhor, Constança está offendida, e se não fora o receio de desagradar-vos, unico capaz de conter-me, não ficaria impune o arrebatador. Como sois feliz, tornou o Rei com despresador sorriso, de empregar des o nome de Constança para favorecer o interesse que o vosso coração toma em Ignez! Julgais sem dúvida que o ignoro, e que essa infeliz Princeza vê com indifferença a injúria que lhe fazeis? Não me falleis mais em Ignez, accres-

centou em tom severo, contentai-vos com o perdaõ que vos concedo quanto ao passado, e lembrai-vos da consideraçaõ que tenho para com D. Alvaro, quando formardes projectos contra elle. Está bem, Senhor, replicou o Principe com altivez, não vos fallarei mais em Ignez, mas não soffreremos Constança, e eu, que ella se torne a achar exposta aos insultos do vosso favorito. Esteve o Rei a ponto de se abandonar ao furor que lhe inspirou este discurso, mas hum resto de prudencia ainda o conteve. Retirai-vos, disse a D. Pedro, lembrai-vos do meu poder, e do que me deveis.

Em quanto durava aquella conversação, recebia Ignez da Princeza, e de todas as Damas da Côrte, grandes demonstrações de alegria, e de ternura. Constança vio tambem D. Pedro com os maiores signaes de satisfação, e bem longe de parecer escandalisada pelo que elle fizera por amor de Ignez, an-

tes em particular lho agradeceo, e sempre se lhe mostrou a mesma, a pesar do ciume que procuravaõ inspirar-lhe.

D. Alvaro que achava em sua irmã huma maldade, que a tornava digna da sua confiança, não lhe occultou a colera que sentia. Elvira depois de haver feito inuteis esforços para socega-lo, e para riscar Ignez da sua lembrança, vio que o seu mal era incuravel; fez-lhe comprehender, que em quanto Constança não fosse zelosa, não teria elle esperanza alguma; que se ella pudesse hum dia suspeitar que Ignez correspondia ao Principe, não deixaria de abandona-la, e que seria facil ter essa satisfação, pois que o Principe não era taõ altivo senaõ pela indulgencia de Constança. Com este conselho, prometteo-lhe Elvira servi-lo efficaçmente, e não carecendo de ninguem senaõ de si mesma para commetter delictos, recommendou a D. Alvaro que manejasse bem o Rei. Quatro annos

se haviaõ passado neste estado de desordem, e de afflicçaõ, e a Princeza além do seu primeiro filho que morrêra, e Fernando que vivia, tinha dado á luz duas filhas.

Alguns dias depois do regresso de D. Pedro, Elvira, que era mui habil na arte de bem conduzir hum máo negocio, ganhou huma das damas de Constança. Começou primeiro por lisonjea-la, depois encheo-a de presentes, e achando nella hum character taõ inclinado ao crime como o seu, resolveo immediatamente servir-se do seu prestimo.

Assim que pôde bem fiar-se nesta mulher, compôz huma carta, que fez depois copiar por maõ desconhecida; deo-lha para entrega-la a Constança na primeira occasiaõ que achasse, dizendo-lhe que Ignez a havia deixado cahir. Esta carta continha pouco mais, ou menos o que se segue.

*Motivos de que vos instruirei me obrigaõ a servir-me de huma maõ*

E

*estranha. Quanto sou feliz por ter chegado a vencer os vossos escrúpulos! e que de felicidade não acharei na ventura que espero! Toda a minha vida empregarei em protestar-vos a sinceridade do meu amor. Lembrai-vos, eu vos rogo, da entrevista secreta que vos pedi. Eu não ousou fallar-vos em público. Deixai que vos peça por tudo quanto tenho soffrido, que me concedais o favor de ir esta noite ao sitio que ajustámos, e de me não fallardes mais em Constança. Ella deve contentar-se com a minha estima, pois que o meu coração não póde ser senão vosso.*

A infiel dama executou exactissimamente as ordens de Elvira, e no dia seguinte, vendo sahir Ignez do aposento da Princeza, levou a carta a Constança, que pegou nella, e achou o que estava bem longe de imaginar. A ternura jámais produzio huma dôr mais viva do que a que experimentou: Ah! são pois ambos culpados, disse ella suspirando, e quando o

meu coração quer tomar a sua de-  
feza, condemna-os a minha razaõ!  
Infeliz Princeza, alvo dos capri-  
chos da sorte! que não possas tu  
morrer, já que não tens assaz ani-  
mo para vingares a tua honra ul-  
trajada.

Oh! D. Pedro! para que me  
haveis dado a vossa mão sem o vos-  
so coração! E tu, ingrata, não nas-  
ceste pois senão para fazeres a des-  
graça da minha vida, e para seres  
talvez a unica causa da minha mor-  
te. Depois de se haver entregado  
por alguns momentos á sua deses-  
peração, chamou a criada que vie-  
ra trazer-lhe a carta, ordenou-lhe  
que não fallasse nisso, e que não  
soffresse, que ninguem entrasse no  
seu quarto.

Constança reflectio entãõ com  
mais liberdade sobre a conducta de  
D. Pedro, e sobre a infiel Ignez,  
que a trahira. Em quanto a sua al-  
ma estava assim entregue aos mais  
acerbos desgostos, ainda procura-  
va desculpa-los, e estava prompta

a fazer tudo por D. Pedro; a final tomou a resolução de não se queixar delle.

Brevemente foi Elvira informada do que se havia passado, bem como da magoa em que a Princeza estava abysmada; do que concebeo as maiores esperanças.

Ignez, bem longe de prever esta tempestade, tornou ao pé de Constança, e sabendo que estava indisposta, passou o resto do dia á porta de seu quarto, a fim de estar mais no alcance de saber noticias da sua saude, mas não a deixavaõ entrar. Esta prohibiçaõ surprehedeo-a, e perturbou-a extremamente; o Principe teve a mesma sorte, e ficou maravilhado de não ser exceptuado de huma tal ordem.

No dia seguinte appareceo Constança, porém taõ mudada, que não era difficil conhecer-se que padecêra. Ignez estava impatientissima por se chegar a ella, e a Princeza não podia deixar de chorar. Esti-



veraõ caladas durante algum tempo. Constança attribuiu o silencio de Ignez aos remorsos que a atormentavaõ. Esta desditosa naõ podendo guarda-lo por mais tempo: Senhora, exclamou, he possivel que dous dias tenhaõ podido privar-me de toda a bondade que tinheis para comigo? Que fiz eu, e porque me castigais? A Princeza lançou sobre ella hum olhar languido, e naõ lhe respondeo senaõ com suspiros. Ignez offendida de semelhante reserva, sahio desesperada, e a colera que manifestou contribuiu ainda mais para faze-la parecer culpada aos olhos da Princeza.

D. Pedro entrou immediatamente depois, e achando Constança em huma agitaçaõ que naõ lhe era propria, rogou-lhe da maneira a mais terna, que tomasse cuidado na sua saude. A vida, diz ella, naõ he que póde fazer-me mais feliz, e cuidaria mais nella, se vos amasse menos: porém . . . . naõ pôde acabar. O Principe em êxtremo afflicto pe-

la perturbação em que a via, suspirou tristemente sem lhe responder. O seu silencio redobrou a melancolia de Constança, o enfado seguiu-a, e fazendo-lhe tudo crêr que era sacrificada, não quiz entrar em nenhuma explicação com o Principe, e deixou-o partir sem dizer-lhe nada.

Constança que estava costumada a abrir livremente o seu coração a Ignez, julgando então que ella a enganára, abandonou-se de tal modo ao seu desgosto, que esteve a ponto de succumbir-lhe; cahio doente, a sua molestia brevemente se tornou perigosa, e toda a Côrte sentio por extremo esta desgraça. D. Pedro se affligio verdadeiramente; mas Ignez ainda mais dó que ninguem. A frieza que Constança lhe mostrára, fazia-a suspirar continuamente, e a sua molestia, cuja causa não existia senão na sua imaginação, lhe fazia formar reflexões sobre cada circumstancia que se offerecia á sua memoria. Chegou

a final a reprehender-se de tudo o que a Princeza soffria.

A doença de Constança augmentou-se de maneira, que se receou da sua vida. Ella mesma começou a sentir a aproximação da morte, mas esta idéa não lhe causou algum abalo. Olhou para o fim de seus dias, como unico termo de todos os seus males, e não pôde commove-la a desesperação de todos quantos a cercavaõ.

O Rei que a amava ternamente, e que conhecia a sua virtude, affligio-se extremamente pelo estado terrivel a que a via reduzida, e D. Alvaro, que não perdia a minima occasião de fazer-lhe conhecer, que era o ciume quem causava a molestia de Constança, não fez senão irrita-lo demasiadamente contra huns culpados taõ dignos de compaixão.

O Rei não tinha character de esconder por muito tempo a sua colera. Estais dando bons exemplos, disse elle ao Principe, elles

tornaráõ a vossa memoria bem illustre; a morte de Constança, de que vós só sereis author, he o desgraçado fruto da vossa criminosa paixãõ. Temei a colera do Ceo, e reputai-vos hum monstro, que não he digno de vêr a luz do dia. Se a ternura paternal não me interessasse por vós, que não terieis que recear do meu justo resentimento? Mas o que não deverá tambem esperar da minha colera a imprudente Ignez, a quem nada me liga? Se Constança morre, ella experimentará os effeitos da sua indiscriçaõ, e da audacia que tem de entreter na minha Côrte huma chamma insensata por meio de vãs esperanças, e de nos fazer perder a Princeza a mais amavel, que não sois digno de possuir.

D. Pedro sabia muito bem que Constança não ignorava a paixãõ que ella tinha por Ignez, mas a doçura com que ella nisso lhe fallára o animava. Foi mui sensivel ás reprehensões do Rei; mas co-

mo o seu erro não era voluntario, e que hum poder irresistivel o havia forçado a amar, pareceo ficar confuso, e afficto. Vós me condemnais, Senhor, respondeo; mas se as minhas intenções vos fossem conhecidas, talvez me não acharieis tão criminoso. Eu não quizera outro juiz senão a mesma Princeza, que dizeis que eu sacrifico, se ella estivesse em estado de poder ser consultada. Se sou culpado de alguma fraqueza, ella tem sido tão justa que me não tem feito reprehensão alguma, e a minha boca já-mais fallou nisso a Ignez; mas se eu commetti algum crime, quereis vós punir huma creatura innocente, que talvez me condemna tanto como vós? Temerario, interrompeo o Rei, ella bem vos tem favorecido. Não a terieis amado tanto tempo, se não vos houvesse correspondido. Senhor, replicou o Principe penetrado de dôr pelo insulto que se fazia a Ignez, vós offendeis a virtude a mais pura, e he indi-

gno de vós o que a vossa colera vos faz dizer. Nunca recebi favor algum de Ignez, nunca lhe pedi nada, e juro pelo Ceo, que jámais desejei cousa alguma que fosse contraria ao que devo a Constança.

Durante esta conversação, veio huma das criadas da Princeza toda banhada em lagrimas advertir D. Pedro, que Constança se achava na ultima extremidade. Ide vêr a vossa funesta obra, disse o Rei, não espereis mais indulgencia de hum pai ha longo tempo irritado.

O Principe correo ao aposento de Constança, que achou moribunda. Ignez estava desmaiada entre os braços de algumas criadas. A afflicção, e impaciencia de Ignez haviaõ causado estas desgraças; ella não havia podido supportar por mais tempo a indifferença da Princeza, e lhe rogára com instancia lhe dissesse qual era o seu crime, e lhe tirasse a vida, ou lhe restituisse a sua amizade.

Constança que via que era for-

çoso morrer, não pôde occultar por mais tempo a Ignez a sua secreta dôr. Mostrou-lhe o fatal bilhete que Elvira fizera escrever. Ah! Senhora, bradou a bella Ignez depois de o haver lido, quantas mortificações vos terieis poupado, se me houvesseis franqueado o vosso coração com a vossa costumada bondade! He bem facil vêr, que esta carta he fingida, e que eu tenho inimigos implacaveis. Credes vós, que o Principe fosse tão imprudente, que se servisse de huma mão sem ser a sua em semelhante occasião; e pensais, que se eu fosse capaz de deshonrar-me assim, deixaria subsistir semelhantes provas, e tomaria tão poucas precauções? Vós não sois atraçoada, nem por mim, nem pelo Principe, pelo Ceo o juro, e por tudo quanto tentei para deixar Coimbra. Ai! minha cara Princeza! como haveis tão pouco conhecido huma infeliz, a quem tendes mostrado tanta bondade? Não julgueis que eu depois de me haver justificado,



possa permanecer no mundo. Não, não haverá retiro que seja assaz obscuro para mim. Eu tratarei de esconder estes funestos attractivos em algum sitio, aonde não possam mais causar damno.

A Princeza enternecida pelo discurso, e pelas lagrimas de Ignez, pegou na sua mão, apertou-a, e fitando nella huns olhares capazes de excitarem piedade nos corações mais insensíveis: Se pude offender-vos, minha cara Ignez, respondeo, a morte que espero, cedo vos vingará. Juro-vos, que jámais cessei de amar-vos. Creio tudo quanto acabais de dizer-me, e amo-vos mais ternamente que nunca.

Foi neste momento, que a dôr de que ambas se achavam penetradas, reduzio a Princeza a huma tal extremidade, que mandáraõ buscar D. Pedro. Elle veio, e tambem ficou quasi sem movimento á sua vista. Por maior inclinaçãõ secreta que tivesse a soccorrer Ignez, correo para Constança; esta Princeza seu-



tindo chegar os seus derradeiros momentos pelo suor frio que lhe cobria todo o corpo, fez retirar as pessoas que podiaõ ser-lhe suspeitas, e dirigindo-se a D. Pedro:

Se abandono a vida sem pesar, lhe diz, não he sem desgosto que me separo de vós: mas, Principe, he preciso saber vencer-se á borda da sepultura; a mim mesma me esquecerei para inteiramente não pensar senão em vós. Não tenho reprehensões a fazer-vos; bem sei que o amor he quem dispõe dos corações, e não a razão. Ignez tem bastantes encantos para inspirar a mais violenta paixão; he digna pela sua virtude de ser elevada ás maiores grandezas. Ainda huma vez lhe peço perdaõ da injustiça que lhe fiz, e vo-la recomendo como a pessoa que me he mais cara. Promettei-me, Principe, antes que eu expire, que lhe dareis o meu lugar sobre o throno, elle não póde ser mais bem preenchido. Vós não podeis escolher huma Princeza mais

digna de reinar sobre os nòssos povos, nem melhor mãi para nossos filhos: E vós, minha querida, e fiel Ignez, proseguio Constança, não escuteis huma virtude demasiadamente escrupulosa, que queira oppôr-se aos desejos do Principe de Portugal: não lhe recuseis hum coração de que elle he digno, e concedei-lhe essa amizade que me tendes, com a que he devida ao seu merecimento: velai no meu filho Fernando, e nas duas jovens Princezas; que me achem em vós, e fallai-lhes em mim algumas vezes: adeos, vivei ambos ditosos, e recebei os meus derradeiros abraços.

Ignez opprimida de dôr, tinha recobrado hum pouco os sentidos. Estas ultimas palavras fizeraõ-na recahir segunda vez em deliquio: este desmaio foi seguido de convulsões taõ violentas, que a julgá-raõ em perigo de vida: mas D. Pedro não se afastou nunca de Constança. Que! Senhora, diz elle, podeis vós pensar, que a vossa morte

possa fazer a minha ventura? Ah! Constança, se o meu coração pôde offender-vos, assaz se tem vingado de mim a vossa virtude a pesar de vós mesma. Suppondes-me tão barbaro?... Como continuasse a falar, percebeo que a morte cerrava os olhos da mais generosa Princeza que nunca existio, e esteve em termos de acompanhá-la á sepultura.

De que dôr não se apossou Ignez, quando restabelecida do seu desmaio, soube que acabava de expirar Constança! Quizera ella arrancar-se a vida, e entregou-se inteiramente á sua desesperação.

Apenas se divulgou o boato da morte da Princeza, ficáraõ em pranto a Cidade, e a Côrte. Elvira, que vio que D. Pedro estava entãõ livre para poder formar novos laços; arrependeo-se de haver contribuido para a morte de Constança; e pensando que fora a causa della, não podia perdoá-la a si mesma.

Foi necessario vigiar Ignez durante varios dias. Ella não cessou

de chorar, e o Príncipe estêve outro tanto tempo na mais profunda tristeza; mas logo que os primeiros movimentos da sua magoa se desvanecêraõ, os do amor, que sentio de novo para com Ignez, lhê fizeraõ vêr que elle era ainda o mesmo. Esteve muito tempo sem a vêr, mas esta ausencia naõ servio senaõ de fazer-lha achar ainda mais bella quando tornou a vê-la.

D. Alvaro assustado por vêr o Príncipe livre de todas as prisões; fez novos esforços junto de Ignez de Castro, que estava entaõ unicamente occupada da sua magoa. Elvira, que desejava levar ávante o intento que formára, empregou toda a arte de que as mulheres saõ capazes, para fazer reviver o amor em que o Príncipe havia outr'ora por ella ardido: mas só Ignez reinava sobre o seu coração. Esta encantadora creatura havia formado a invariavel resoluçaõ de passar o resto de seus dias em hum ermo retiro. Mas a pesar da precauçaõ que

tomou de escondér o seu designio, veio o Principe a sabe-lo, e fez tudo quanto pôde para supportar esse golpe com firmeza. Julgou-se com mais força do que com effeito tinha, e depois de haver consultado o seu coração, sentio bastante quanto a presença de Ignez lhe era necessaria. Senhora, lhe diz elle suspirando, e com os olhos banhados de lagrimas, que crime tenho commettido para vos fazer decretar a minha morte? Ainda que não vos haja nunca dito quanto vos amo, estou todavia persuadido que não o ignorais. Fui obrigado por alguns annos a guardar silencio em attenção a vós, a Constança, e a mim mesmo: mas não me he possivel calar-me ainda mais tempo. He preciso que vos diga em fim tudo o que sinto. Não desprezeis os protestos do mais terno, e mais respeitoso amor. Eu quizera que a offerta do throno pudesse lisonjear-vos. A mais brilhante fortuna não poderia interessar-me, senão participando vós della.

Ignes não respondeo ao principio a estas palavras senão com hum diluvio de lagrimas. Depois de have-las enxugado, olhou para D. Pedro com hum ar, que lhe fez facilmente comprehender que não approvava o que acabava de ouvir. Se eu fosse capaz, diz ella, da fraqueza que quereis inspirar-me, serieis obrigado a castigar-me disso. O que? jaz apenas Constança na sepultura, e já vós quereis que a offenda? Não, Principe, proseguio com mais doçura, aquella que haveis accumulado de tantos favores não attrahirá sobre si a colera do Ceo, nem o desprezo dos homens por huma acção tão torpe. Não vos obstineis pois em hum designio, que eu jámais approvarei. Vós deveis a Constança depois da sua morte huma fidelidade que possa justificar-vos, e da minha parte devo evitar a vossa presença, para reparar, se he possivel, os males que lhe fiz soffrer. Ide, Senhora, respondeo o Principe mudando de sem-

blante, ide esperar a noticia da minha morte lá nessa parte do mundo, aonde a vossa crueldade vos conduzir. Não a esperareis por muito tempo, pois irei procura-la no seio dos combates que se dão entre os povos que rodeaõ este Reino.

Estas ultimas palavras fizeraõ sentir a Ignez, que o seu coração não estava taõ isento de fraqueza como suppunha, e que se interessava mais do que pensava na vida de D. Pedro. Deveis conservar os vossos dias, replicou Ignez, por amor do Principe, e das Princezas que Constança vos deixou. Querieris, proseguio ella com ternura, abandonar a sua mocidade á crueldade de D. Alvaro? Vivei, Principe, vivei, e deixai que só a desditosa Ignez seja sacrificada. Ah! cruel, interrompe D. Pedro, podeis ordenar-me que viva, sem ser para vós? He isto hum effeito do vosso odio? Não, replicou Ignez, eu não vos odeio, e oxalá que pudesse defender-me da fraqueza que



sinto ! Não me obrigueis a dizer mais ; mas considerai que quanto menos indiferença sinto por vós , mais culpada me acho , e que não devo mais vêr-vos , nem fallar-vos . Em fim , Principe , se vos oppondes ao meu retiro , declaro-vos que por mais odioso que me seja D. Alvaro , servirá para defender-me de vós , e que consentirei antes em desposar hum homem que aborreço , do que favorecer huma paixão que custa a vida a Constança . Pois bem , Ignez , tornou o Principe com huns olhos aonde a languidez estava pintada , seguí os movimentos que vos inspira a vossa barbara virtude , tomai as medidas que julgardes necessarias contra hum amante infeliz , e gozai da gloria de me haverdes rejeitado com tamanha crueldade . Dito isto foi-se , e Ignez estava tão perturbada , que não se achou em estado de sustello . O seu animo oppunha-se á sua ternura ; ella sentio então , que era mais necessaria que nunca a sua separação .



Era-lhe difficil sahir de Coimbra, e ao mesmo tempo não differir o que julgava tão indispensavel. Foi immediatamente ter com o Rei. Este Monarca recebeu-a com hum ar severo, não querendo consentir no que ella tinha a pedir-lhe. Não partireis, diz elle, e se sois discreta, gozareis aqui com D. Alvaro da minha amizade, e do meu favor. Tenho tomado outra deliberação, replicou Ignez, e o mundo não tem nisso parte alguma. Aceitariais sem dúvida D. Pedro, replicou o Rei? o brilhantismo do seu nascimento basta para satisfazer humma mulher ambiciosa; mas vós não succedereis a Constança que vos amava tão ternamente, e a Hespanha tem bastantes Princezas para occuparem com elle o throno que lhe deixarei. Senhor, respondeo Ignez escandalizada por aquelle discurso, se eu tivesse alguma propensão para o amor, e se tivesse desejo de me casar, seria talvez o Principe o unico sobre quem qui-

zesse lançar os olhos. Vós sabeis se os meus antepassados possuíraõ Corôas, e se eraõ dignos de as cingirem. Mas sem demorar-me nessas frivolas vantagens, estou resollida a partir, e a não permanecer por mais tempo escrava em hum palacio aonde cheguei livre.

Esta orgulhosa resposta que deixava vêr o character de Ignez, irritou, e surprehendeo o Rei: Vós partireis, diz elle, quando mui bem me parecer, e sem ser escrava em Coimbra, aqui aguardareis as minhas ordens.

Ignez vio a necessidade em que estava de ficar, e ficou por isso taõ afflictta, que não sahio durante alguns dias, sem com tudo ousar informar-se do Principe. Este recolhimento lhe poupou a magoa de receber D. Alvaro.

Neste espaço de tempo cahio doente D. Pedro, e chegou a tamanho perigo, que se temeo a sua morte. Ignez não duvidou que fosse hum effeito da sua magoa. Pa-

receo-lhe ao principio ter assaz força, e animo para deixa-lo morrer antes do que ceder aos seus desejos: mas quando examinou o seu coração, ficou logo convencida do contrario. Não achou já essa cruel firmeza que alli julgava tão arraigada; sentio abalo, e inquietação, derramou lagrimas, fez promessas; e percebeo em fim que amava o Principe.

Era impossivel vêr hum tão digno herdeiro da Corôa a ponto de morrer, sem que o seu estado causasse huma afflicção universal. O povo que o amava, passava todos os dias á porta do palacio para saber noticias suas, e toda a Côrte estava abysmada na mais profunda dôr.

D. Alvaro occultava a sua alegria debaixo da apparencia da tristeza. Elvira, cheia da sua paixão, e talvez agitada pelos seus remorsos, soffria muito por causa do perigo do Principe. O Rei, posto que condemnasse o amor de seu filho, sem-

pre sentia por elle ternura, e não podia resolver-se a perde-lo. Ignez, que sabia a causa da molestia de D. Pedro, estava em huma cruel situação, e esperava o fim de seus dias com o mais terrivel desassocego. Passado hum mez em fim de receios, e consumições, começáraõ a esperar a sua cura. O Principe, e D. Alvaro foraõ as unicas pessoas que não mostráraõ por isso a legria alguma, porém Ignez a sentio vivissima.

D. Pedro vendo que era forçoso viver a seu pesar, não tratou mais do que de passar seus dias na tristeza. Mal se vio em estado de sahir, procurou os lugares mais solitarios, e soube taõ bem domar a sua fraqueza, que hia sempre aonde sabia que não estaria Ignez; mas a sua imagem seguia-o por toda a parte, e a sua memoria fiel em representar-lhe todos os seus encantos, sempre lha tornava perigosa.

Hum dia em que elle estava no

jardim , procurou hum labyrintho que havia no sitio mais retirado , para alli esconder por algumas horas a sua magoa. Alli achou a desconsolada Ignez , cuja pena pouco differente da sua a havia conduzido ao mesmo lugar. A sua vista , que elle não esperava , fe-lo tremer. Ella vio pela mudança do seu rosto , que D. Pedro não estava ainda restabelecido inteiramente. Seus languidos olhos perturbáraõ-na , e posto que o seu primeiro movimento fosse fugir , hum poder desconhecido a conteve , e foi-lhe impossivel resistir-lhe.

Depois de alguns momentos de silencio , que não eraõ interrompidos senaõ por suspiros , levantou-se D. Pedro do lugar aonde a sua fraqueza o havia forçado a assentar-se , fez vêr a Ignez , chegando-se a ella , as tristes provas de tudo quanto havia soffrido , e não se contentando com a piedade que ella lhe deixava vêr nos seus olhos :  
Tendes pois resolvido a minha mor-

te, cruel Ignez, lhe diz elle? Eu a desejava tanto como vós, mas o Ceo me reservou para outros infortunios, e vedes-me ainda taõ infeliz, porém mais possuido que nunca do amor que me haveis inspirado.

O Principe não tinha precisaõ deste discurso para attrahir a compaixão de Ignez. A languidez de seus olhos assaz fallava, e o seu coração estava mui disposto a seu favor: ella suppôz entãõ que Constança devia estar satisfeita. O amor que combatia a pró de D. Pedro, triunfou da amizade, e achou esse feliz momento, pelo qual o Principe de Portugal havia desde tanto tempo suspirado.

Naõ me lanceis em rosto huma crueldade, que me tem custado ainda mais do que a vós, responde Ignez, e não accuseis hum coração que não he ingrato, nem barbaro; confesso-vos que vos amo, mas além desta declaração, que mais podeis pedir-me ainda?

D. Pedro, que não esperava humma mudança taõ favoravel, sentio duplicada satisfaçaõ, e lançando-se aos pés de Ignez, exprimio muito melhor com o seu silencio a sua paixãõ, do que o faria com o mais eloquente discurso.

D. Pedro, certo da sua ventura, deo parte á amavel Ignez de quanto tinha a recear do Rei. Elles concluíraõ, que o fatal bilhete que havia abreviado os dias de Constança, não podia ser senãõ de Elvira, e de D. Alvaro. O Principe que sabia que seu Pai havia já tentado tornar a casa-lo, e tinha resolvido fazer que Ignez desposasse o seu favorito, rogou-lhe taõ ternamente, que prevenisse as suas perseguições, consentindo em hum casamento secreto, que depois de haver bastante tempo reflectido nisso, cedeo ás instancias de D. Pedro. Farei o que quizerdes, diz ella, posto que não preveja senãõ desgraças; todo o meu sangue se gela, quando penso nesta uniaõ, e a



imagem de Constança parece desviar-me de conclui-la.

O amoroso Principe venceu todos os seus escrupulos, e deixou-a com tamanha satisfaçãõ, que brevemente restabeleceo as suas forças. Vio-a depois com o prazer do mysterio, e chegado o dia que haviaõ destinado para o seu casamento, D. Gil, Bispo da Guarda, fez a cerimonia em presença de testemunhas fieis a D. Pedro, que se vio por esse meio possuidor de todos os encantos da amavel Ignez.

Nem ainda assim ficou ella mais tranquilla: os seus inimigos, que não cessavaõ de persegui-la, causáraõ-lhe desgostos sem número. O Rei, a quem a sua repulsa havia irritado, ordenou-lhe que desposasse D. Alvaro, e ameaçou-a de força-la a isso, se continuasse a resistir-lhe.

O Principe tomou altamente o partido de Ignez. Esta ousadia junta á resistencia que elle fazia a casar com a Princeza de Aragaõ, fez suspeitar a verdade ao Rei seu Pai.



Este Monarca foi ajudado nas suas pesquisas por quem muito se interessava nisso, para não descobrir aquelle mysterio. Alvaro, e sua irmã fizeram tanta diligencia, já com presentes, já com promessas, que descobrião em fim os secretos laços de D. Pedro, e de Ignez.

Pouco faltou que o Rei não des-se mostras de toda raiva, e furor que huma tamanha temeridade podia inspirar-lhe contra Ignez.

D. Alvaro, cujo amor se havia mudado no mais temivel odio, aplacou os primeiros transportes do Rei, fazendo-lhe comprehender que se se contentasse com dissolver o seu matrimonio, não seria sufficiente a sua vingança. Azedou o coração do Rei a ponto de faze-lo consentir na morte de Ignez. O cruel D. Alvaro offereceo o seu braço para esta horrorosa execução, e o seu furor respondeo por elle neste sacrificio.

O Rei que suppunha a gloria do throno manchada com aquella

alliança, e a sua propria compromettida pelo procedimento de seu Filho, deo pleno poder áquelle assassino para tornar a innocente Ignez victima da sua raiva.

Naõ era facil de executar este horrivel projecto. Ainda que o Principe naõ visse Ignez senaõ em segredo, vigiava-a todavia continuamente, e pãssou-se mais de hum anno depois do seu casamento, antes de D. Alvaro poder achar a occasiaõ que procurava havia tanto tempo.

O Principe divertia-se pouco, e raras vezes se afastava de Coimbra; mas hum dia malfadado, e marcado pelo Ceo para hum assassinio inaudito, fez huma partida de caça a huma casa, que o Rei de Portugal tinha perto da Cidade.

Gostava Ignez de tudo o que podia dar alguma satisfaçaõ ao Principe; mas huma perturbaçaõ secreta lhe fez temer algum desastre naquelle infeliz dia. Principe, lhe diz ella com hum abalo, cujo motivo

naõ podia penetrar, estremeço quando hoje vos vejo, como se fosse o ultimo dos meus dias. Conservai-vos, meu querido Principe, e ainda que naõ estejais exposto a perigo algum, os crueis presagios que me agitaõ, fazem-me temer tudo por vós. D. Pedro, que nunca a achára taõ bella, abraçou-a varias vezes, e sahio do palacio com o designio de naõ voltar senaõ no dia seguinte.

Apenas havia partido preparou-se o cruel D. Alvaro para pôr em execuçaõ o que tinha resolvido. Julgou que era importante para elle o empregar mais outras mãos além da sua, e escolheu para complices do seu attentado Diogo Lopes Pacheco, e Pedro Coelho, monstros mui semelhantes a elle, e de cuja crueldade se havia certificado por meio dos presentes que lhes fizera.

Esperáraõ pois pela entrada da noite, e estava a amavel Ignez nos primeiros instantes de hum somno

que devia ser o derradeiro da sua vida, quando aquelles assassinos se chegáram ao seu leito. Nada resistio a D. Alvaro. As negras furias o introduziram em casa de Ignez; ella acordou, e abrindo as cortinas, vio á claridade da luz que estava no seu aposento, o punhal com que D. Alvaro estava armado. Como elle não tinha o rosto coberto, facilmente o conheceu, e esquecendo-se de si mesma naquelle horroroso momento, para não pensar senão no Principe: Justo Ceo, diz ella elevando seus bellos olhos, se he Constança que quereis vingar, contentai-vos com o meu sangue, e poupai o de D. Pedro. O cruel Alvaro que a ouviu, não lhe deo tempo de dizer mais, e vendo que não pudera enternecer o coração de Ignez com os protestos do seu amor, cravou-lhe o seu punhal no seio. Os seus complices tambem lhe derao varios golpes, e puzerao termo a huma vida taõ desditosa como innocente.

Que triste espectáculo para aquelles que se chegáraõ ao seu leito no dia seguinte ! e que horrorosa noticia para o infeliz Principe de Portugal ! Immediatamente a soube, voltou para Coimbra, e cuidou morrer repentinamente. Depois de haver abraçado mil vezes o corpo ensanguentado de Ignez, e dito tudo quanto huma justa desesperaçã pôde inspirar-lhe, correo ao palacio como hum insensato; perguntava em altos gritos pelos assassinos de Ignez, proferindo palavras mal articuladas, e sem seguimento.

Vio em fim o Rei, e sem guardar nenhum respeito, deo livre desafogo ao seu resentimento: depois de haver exhalado o seu furor, e a sua raiva, opprimido de dôr, cahio n'hum deliquio que durou todo o dia; leváraõ-no para o seu aposento, e o Rei julgando que aquella desgraça o curaria, não se arrependeo do que havia permittido.

D. Alvaro, e os outros dous as-

sassinios abandonáraõ Coimbra. A sua ausencia provou que eraõ culpados do crime que fazia a desventura de D. Pedro. Este Principe jurou á alma da amavel Ignez huma prompta vingança, resolvido como estava a perseguir os seus infames algozes, até aos lugares mais remotos. Reunio hum número consideravel de tropas capaz de resistir ao mesmo Rei de Portugal, se ainda tomasse o partido de D. Alvaro, assolou com ellas todo o paiz até ao Douro, e fez guerra até á morte do Rei, misturando continuamente as suas lagrimas com o sangue que derramou para vingar a sua querida Ignez.

Tal foi o fim deploravel do malfadado amor de D. Pedro de Portugal, e de D. Ignez de Castro. Este Principe guardou facilmente no seu coração a lembrança desta infeliz Princeza até ao throno, aonde subio por direito de successão depois da morte do Rei.

F I M.

*Livros que se vendem em casa de ROLLAND ,  
Rua Nova dos Martyres , N. 10.*

- Alberto , ou o Deserto de Strathnavern ;  
em 8. 3 Vol.
- Adriana , ou Historia da Marqueza de  
Brianville , em 8. 3 Vol.
- Arsace , e Ismenia , Novella de Montes-  
quieu , em 8.
- Amelia , ou os desgraçados Effeitos da  
extrema Sensibilidade , Anecdota In-  
gleza , em 8.
- Amanda e Oscar , ou Historia da Fami-  
lia de Dunreath , em 8. 6 Vol.
- Anna Grenwil , Conto Historico , pelo  
Author de *Celestina* , ou os *Esposos*  
*sem o serem* , em 8. 3 Vol.
- Adelia de Senange , em 8.
- Apologos , e Contos Orientaes : huns pa-  
ra rir , e outros para chorar , em 12.
- Alzira , ou os Americanos , Tragedia de  
Voltaire , em 8.
- Atreo , e Thyestes , Tragedia de Cre-  
billon , em 8.
- Avarento , Comedia de Moliere , em 8.
- Belizario , por Marmontel , em 8.
- Contos Moraes , em 8.
- Carlos , e Maria , em 8.
- Caravançara , ou Collecção de Contos O-  
rientaes , em 8.
- Carta de Guia de Casados , por D. Fran-  
cisco Manoel , nova edição , em 8.



- Cecilia de Chatenai , ou o Poder , e os Encantos da Harmonia , em 8. 2 Vol.
- Choupana India , em 12.
- Collecção de Histórias , Anecdotas , Factos , Fabulas , Dialogos , Cartas , e Dramas , em 8. 3 Vol.
- Cid , Tragedia de Corneille , em 8.
- Cartas sobre as Modas , em 8.
- Collecção de Peças importantes , em 8. 2 Vol.
- Duas Desposadas , em 8. 4 Vol.
- Dois Infelizes , em 8. 4 Vol.
- Deaõ de Killerine , ou Memorias do Conde de \*\*\* , em 8. 6 Vol.
- Desgraças da Inconstancia , em 12. 2 Vol.
- Dous Amigos , Comedia de Beaumarchais , em 8.
- Evaristo e Theodora , ou o Castello de Clostern , em 8. 4 Vol.
- Emilia de Tourville , ou os meus sete annos de perseguição , em 8. 2 Vol.
- Emilia , e Affonso , em 8. 2 Vol.
- Etelvina , ou Historia da Baroneza de Castle-Acre , em 8. 3 Vol.
- Emma , ou a filha do desgosto , em 12. 2 Vol.
- Elisabeth , ou os Desterrados da Siberia , em 8.
- Escolha de Anecdotas , em 8.
- Escolha das melhores Novellas , e Contos Moraes , escritos por Marmontel , em 8. 8 Vol.



Factos Memoraveis da Historia de Portugal , com seis estampas , em 8.

Fabulas de Esopo , em 8.

Filosofa por amor , em 12. 2 Vol.

Gonçalo de Cordova por Florian , em 8.  
2 Vol.

Historia da Virtuosa Portugueza , em 8.

Historia galante do Joven Siciliano , em 8.  
4 Vol.

Historia da Virtuosa , e Infeliz Clara Harlowe , em 8. 15 Vol.

Historia do Conde de Comminge , em 8.

Historia de Hypolito , Conde de Duglas ,  
em 8. 2. Vol.

Isidoro , e Horaida , ou os Prisioneiros  
da Montanha , em 8. 4 Vol.

Irma , ou as Desgraças de huma joven Orfã , Historia India , em 8. 4 Vol.

Joanninha , ou a Engeitada Generosa , em  
8. 2 Vol.

Jogador , Comedia de Regnard , em 8.

Luiza , ou a Cabana no Deserto , traduzida  
em Portuguez , em 8.

Maria , ou a Filha da desgraça , em 8.

Memorias , ou Anecdotas Curiosas , e Instructivas , em 8.

Mathilde de Edmonville , em 8. 2 Vol.

Maclovia e Frederico , ou as Minas do  
Tirol , em 8.

Mulher feliz , dependente do mundo , e da  
fortuna , em 8. 3 Vol.

Mil e hum quarto de hora , em 12. 3 Vol.

- Marilia de Dirceo, nova edição, em 12.  
Miscellanea Curiosa, em 8. 7 Vol.  
Noites d'Young, em 8. 2 Vol.  
Noites Romanas, em 8. 2 Vol.  
Nova Guia da Conversação, em Portu-  
guez, e Francez, dividida em tres  
partes, em 8.  
Novellas Novas de Florian, traduzidas em  
Portuguez, em 8.  
Paulo, e Virginia, em 8.  
Pai de Familia, Comedia de Diderot, em 8.  
D. Quixote de la Mancha, em 8. 6 Vol.  
Saint Clair das Ilhas, ou os Desterrados  
na Ilha de Barra, em 8. 3 Vol.  
Sybaritas, ou os Subterraneos de Piom-  
bino, em 8. 2 Vol.  
Solitario, pelo Marquez d'Arincourt, em  
8. 2 Vol.  
Thesouro de Adultas, em 8. 4 Vol.  
Ulisséa, ou Lisboa Edificada, Poema  
de Gabriel Pereira de Castro, nova  
edição, em 8.  
Vida, e Aventuras admiraveis de Robin-  
son Crusóe, em 12. 2 Vol.  
Vida de Marianna, ou as Aventuras da  
Condessa de T . . . , em 12. 4 Vol.  
Victor, ou o Menino da Selva, em 12. 4  
Vol.  
Viagens de Gulliver, em 8. 3 Vol.  
Vida, e Perseguições de Frederico, Barão  
de Trenck, em 8. 2 Vol.  
Viagens de Antenor, em 8. 6 Vol.



LIBRARY OF CONGRESS



0 021 100 712 6



LIBRARY OF CONGRESS



0 021 100 712 6